

## ***Quid vitae?* Uma política dos movimentos aberrantes**

**Silvana Tótora**<sup>1</sup>

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Trad. de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, n-1 edições, 2015. 319 pp.

Há pouco mais de um ano foi lançado em português, pela n-1 edições, um livro dedicado ao pensamento filosófico de Deleuze. Seu autor, David Lapoujade, percorre a produção filosófica de Deleuze desde a sua tese de doutoramento, *Diferença e Repetição*, de 1968, passando por *Lógica dos sentidos*, até os livros escritos em parceria com Guattari, *O Anti-Édipo*, *Mil Platôs — Capitalismo e Esquizofrenia*, *O que é a Filosofia?*, para citar aqueles de maior criação filosófica. Sua filosofia fulmina as concepções transcendentais (representacionais) para liberar o pensamento dos universais morais que tornam o mundo — povoado pelos valores do Estado, da Igreja e da sociedade — tolerável para nós. Enfrentam-se dois modos de pensamento: o representacional e o da imanência. E esse último abre para a emergência das linhas de ação da diferença: do invisível, do indizível e do impensável.

Lapoujade, que fora aluno de Deleuze e posteriormente seu genro, nos presenteou com um livro que potencializa nossa leitura desse filósofo, sem, contudo, fazer concessões aos leitores preguiçosos que buscam o caminho fácil e curto do acesso ao pensamento. Deleuze, assim como Nietzsche, prefere ser lido por leitores sensíveis à experimentação de um novo pensamento. Daí a dificuldade da leitura desses filósofos, em razão da originalidade de sua experiência de

---

<sup>1</sup> Professora, doutora da PUCSP e pesquisadora do NEAMP

pensamento. E não se acessa a esse novo com uma linguagem ordinária. Assim, lê-los implica estar no mesmo barco e alçá-lo ao mar em busca de novos possíveis de vida. Se Lapoujade nos possibilita acessar as potências do pensamento de Deleuze, ele também nos presenteia com sua escrita poética, afinada com o pensamento do filósofo artista.

O problema que, segundo o aluno francês, orienta toda a produção filosófica de Deleuze — inclusive as teses consagradas da filosofia da diferença, do acontecimento, da imanência, da ontologia dos fluxos — refere-se aos *movimentos aberrantes*, tanto como potência do pensamento quanto política. Esses *movimentos aberrantes* não são de natureza empírica, ligados à experiência ou qualquer vivência, contudo, e por isso mesmo, são imprescindíveis para fazer morrer em nós, ou numa coletividade social, “o que não é necessário para as potências da vida” (LAPOUJADE, p. 22).

A vida, como confirmam os movimentos aberrantes, não se restringe a produzir organismos, tampouco se limita à forma orgânica. Esses movimentos atestam uma força inorgânica da vida que atravessa o organismo vivo indiferente a sua integridade. Daí o caráter perturbador do vitalismo de Deleuze, indissociável da morte e dos perigos que ela faz correr. A vida implica a morte de algo em nós para liberar as potências. É preciso prudência para morrer de vida.

A filosofia de Deleuze em parceria com Guattari assume posições radicais no campo político. Essa radicalidade gira em torno da questão: *quid juris?* Com ela, os autores contestam o direito da axiomática capitalista exercido sobre a população que povoa a terra. Em torno dessa mesma questão, eles evocam o “direito” não codificado das minorias. Minoritário é sempre algo, por mínimo que seja, que a axiomática capitalista não pode tolerar. A escrita do filósofo, liberta de um som autoritário e de palavras de ordem, dirige-se contra o poder e fala a um povo por vir.

Se a questão *quid juris* remete a um fundamento, é por ela que ele se dissipa (LAPOUJADE, p. 35). O filósofo leva o pensamento ao limite das suas faculdades para criar uma “nova terra” para o pensamento, não mais distribuída e partilhada segundo o juízo como instância externa, mas de fluxos imanentes que a percorrem. Em *Mil Platôs*, essa “nova terra” não é um solo, mas está o tempo todo se desterritorializando. A desterritorialização constitui os movimentos aberrantes da terra (DELEUZE apud LAPOUJADE, p. 41). Ocupa-se a terra de diferentes

maneiras, segundo os agenciamentos: como nômades, metalúrgicos, trogloditas, indígenas, animal, homem de Estado. *Mil Platôs* é o grande livro da Terra.

A grande política ou “política menor” é inseparável da questão da vida (LAPOUJADE, p. 46) e de num novo povoamento da terra. Assim, a nova terra desterritorializada não seria um programa, mas uma experimentação que contamina o pensamento e, por sua vez, contagia a terra pelo pensamento.

Lapoujade, a partir do capítulo 2, percorre a obra de Deleuze, desde *Diferença e Repetição* até os escritos em parceria com Guattari. Numa escrita fluente que expressa longos anos de convívio com os textos e o próprio autor, constituindo sua familiaridade com a filosofia deleuziana, Lapoujade estabelece um fio condutor que articula toda a produção do filósofo. A terminologia conceitual ganha nomes distintos ao longo da obra, mas é alimentada pelo mesmo problema: dar consistência aos movimentos aberrantes. O problema permanece: validar as pretensões do “sem-fundo” ou “a-fundamento” para o pensamento filosófico, assim como da desterritorialização para a terra.

Ultrapassar o fundamento é conferir às intensidades, às singularidades pré-individuais e impessoais, às multiplicidades, às diferenças livres ou nômades não formatadas as proveniências do pensamento filosófico. O filósofo artista mergulha nesse caos e dele traça um plano de imanência — um crivo ou corte nesse caos —, a fim de pensar o que ainda não foi pensado. O “plano de imanência” seria a nova terra para o pensamento e para a vida. E a partir dele se constroem os conceitos filosóficos.

Se os conceitos povoam o plano de imanência filosófico, os nômades, com suas *máquinas de guerra*, ocupam a terra desterritorializada. Daí o seu confronto com os Estados e suas ambições territoriais, e, também, com o capitalismo e suas pretensões destrutivas de estender os mercados a toda a terra.

*Mil Platôs* é o livro das multiplicidades. E a terra é o nome dessa multiplicidade. Daí sua questão central: “como a terra se povoa”? (LAPOUJADE, p. 192). *Planos, máquinas e agenciamentos* são os conceitos criados para dar conta desse povoamento. No capítulo 7, Lapoujade explicita a natureza desses conceitos e como operá-los. Esse capítulo torna a leitura de *Mil Platôs* mais potente. Ele nos proporciona percorrer os procedimentos criados pelos filósofos para um fazer ver, sentir e pensar em perspectiva, seguindo as linhas de ação da diferença, animados pelos movimentos aberrantes.

O conflito entre *máquina de guerra* — inseparável do conceito de nômade — e *aparelho de captura* — conceito para designar o Estado — está no coração de *Mil Platôs*, afirma Lapoujade (p. 236). Não se trata de fazer a história desse confronto, porque esses conceitos não podem ser decalcados de uma formação histórica específica. Movimentos artísticos, científicos ou sociais podem configurar-se em máquinas de guerra nômades que levam mais longe uma desterritorialização do que a operada, por exemplo, por uma etnia nômade. Se há uma história traçada em *Mil Platôs* é a das sujeições por meio dos aparelhos de capturas e a das resistências através das linhas de fuga. A despeito dos aparelhos de organização que sujeitam os povos, juntamente com os modos de subjetivação da linguagem, na língua e em uma sociedade *tudo foge*.

A Terra é percorrida por um combate desigual entre as resistências nômades e o poder de captura dos Estados, aliados da destruição englobante engendrada pelo capitalismo. Como escapar, ou criar um novo modo de povoar a terra, conectado às minorias? Como se tornar capaz de agir politicamente? São essas questões que Lapoujade destaca no capítulo 9 que, no meu entender, juntamente com o capítulo 1, constituem a fortuna do pensamento filosófico de Deleuze: uma política a serviço das potências da vida. *Quid vitae?*

Num diálogo com o filósofo italiano Toni Negri, Deleuze não responde ao questionamento que fora feito por ele acerca de como articular suas críticas a uma ação política. O silêncio do filósofo francês evidencia que seu problema é outro. A cobrança por essa articulação supõe que somos capazes de agir. Pelo contrário, para Deleuze, o problema que deveria vir primeiro seria: *como se tornar capaz de agir politicamente?* (LAPOUJADE, p. 263). E já em *Diferença e repetição* esse problema foi colocado para o pensamento: como ser capaz de sentir, imaginar e pensar? A resposta para o problema do agir político e do pensamento implica as forças do tempo: a criação de novos espaços-tempo. Eis o sentido intempestivo herdado de Nietzsche que percorreu toda a sua obra: no tempo, contra o tempo e, espero, num tempo por vir.

Que sujeito é capaz de ação se somos sujeitados desde sempre pelos aparelhos de Estado e, mais, submissos às máquinas das novas tecnologias que integram as populações humanas sob a forma de bancos de dados e fluxos de informação? Somos duplamente sujeitados por uma *sujeição social* e uma *servidão maquinaica*. O que singulariza nossa época é que os processos de subjetivação

são subordinados a uma submissão maquínica — computo-informacional — generalizada.

Vivemos num mundo *sem fora*. Uma profusão de imagens clichês e flutuantes externas penetram em cada um de nós, constituindo o mundo interior. Trata-se da *sociedade de controle*. Diferentemente de uma sociedade que confina e disciplina os corpos e as almas, essa outra sociedade controla fluxos no espaço aberto da informação, segundo uma política generalizada da segurança.

Cada um de nós, nesse contexto, torna-se uma espécie de autômato, preso nas garras de um agenciamento concreto que nos faz *falar* como transmissores de palavras de ordem de uma formação social; nos faz *ver* as imagens em conformidade com essas palavras de ordem; nos faz *agir* utilizando os recortes de nosso corpo segundo essas palavras de ordem. Falamos, vemos e agimos em conformidade com um pensamento-para-o-mercado. O futuro que se projeta para a população, que Deleuze e Guattari chamam de “maioria”, é um modo de existência e de pensamento de acordo com a axiomática capitalística. Ora, afirma Deleuze (apud LAPOUJADE, p. 267), “as pessoas não aceitariam o intolerável se as mesmas ‘razões’ que a elas o impunham de fora, nelas não se insinuassem para as fazer aderir de dentro”. Daí ser a nossa potência de escolha submetida aos possíveis existentes.

A maioria, portanto, supõe um estado de dominação, e a ela é oferecido o direito do porvir (de um futuro). “Maioria” e “minoria” são conceitos não numéricos. Por maioria se entende os selecionados pela axiomática capitalística mundial e, por minoria, os excluídos dela. Não se trata de uma classe de indivíduos, pois se é reduzido ao estado de minoria sempre que se deixa de cumprir uma dada programação. E mais, dentro de cada um de nós são submetidas as nossas potências em desacordo com essa programação. As minorias são o exterior do exterior: o *de fora*. Elas são destituídas de qualquer potência social: são sem porvir. O exterior, que também é o interior dos que se constituem em *maioria*, faz com que não nos sintamos fora de nossa época, e, por isso, não “cessamos de estabelecer com ela compromissos vergonhosos” (DELEUZE; GUATTARI apud LAPOUJADE, p. 270).

Diante dessa situação, como se tornar capaz de agir político? Para isso é forçoso “saltar em outra temporalidade e descobrir as novas forças do tempo”. Trata-se do conceito de *acontecimento*: algo aconteceu que vem de *fora*. Um novo

modo de ver, sentir e pensar. A heroína do filme de Rossellini, *Europa 51*, é assolada por uma visão imediata de alguma coisa intolerável. Ao olhar para os trabalhadores que saem de uma fábrica, ela é atravessada por forças de vidas que são mutiladas. Ela não vê trabalhadores, mas escravos. Tudo muda. Os clichês que constituem a *maioria* não funcionam mais. O porvir do retorno do mesmo que repete as possibilidades da programação da época é interceptado. Não se pensa mais como porvir, mas por devir.

Pensar e agir com base no devir nos faz compor com as potências da vida que se erguem em nós e levam a algo não pessoal, mas coletivo ou político. Não se trata mais desse povo existente, mas da criação em nós de *um povo que falta*.

Enfim, o livro de Lapoujade expõe outra dimensão da política presente na filosofia de Deleuze e seu parceiro Guattari. Trata-se de uma leitura urgente e atual para interceptar as forças do niilismo advindo da impossibilidade do agir político, assim como dos equívocos de um agir com o povo sujeitado existente.